

CIRCULAR TÉCNICA

121

Juiz de Fora, MG
Maio, 2020

O Comércio Internacional do Agronegócio do Leite

José Luiz Bellini Leite



Parte I. Aspectos e características do mercado de láteos¹²

1. Introdução

A produção mundial de leite (82% leite de vaca; 14% leite de búfala e 4% de ovelha, carneiro e camelo combinados¹³), cresceu 1,6% em 2018, atingindo 843 milhões de toneladas¹⁴, com previsão de crescimento de 1,9% em 2019. Os Estados Unidos é o maior produtor e o quinto maior exportador, mas perdeu mais de 1,0% de participação na produção mundial devido ao crescimento maior da produção de leite em outros países. A Índia, o segundo maior produtor de leite do mundo teve uma produção de 83,6 milhões de toneladas de leite de vaca (Tabela 1). Basicamente toda essa produção fica no mercado interno, pois a participação desse país no mercado internacional de láteos é marginal.

Poucos países apresentam participação significativa no comércio internacional de láteos. O volume total comercializado no mundo, considerando unidades equivalentes de leite, é de aproximadamente 8,0%¹⁵ da produção total. Os principais exportadores e importadores são países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os países em desenvolvimento detêm parcelas pouco expressivas do volume de comércio, apesar de alguns deles estarem entre os maiores produtores, como são os casos da Índia e do Brasil, segundo e terceiro produtores mundiais respectivamente. A China é grande produtor e o maior importador.

As políticas comerciais praticadas pelos países desenvolvidos contribuem para explicar a baixa participação de países em desenvolvimento no comércio

¹² José Luiz Bellini Leite, Engenheiro Civil, PhD em Economia Rural, Analista da Embrapa Gado de Leite.

¹³ Cadeia Agroindustrial do Leite - Diagnóstico dos Fatores Limitantes à Competitividade http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brasilia/pdf/brz_sc_cadeia_produtiva_leite_MICS_por_2018.pdf

¹⁴ FAO AGRICULTURAL OUTLOOK 2019. pag. 52

¹⁵ OECD-FAO AGRICULTURAL OUTLOOK 2019-2028, pag. 186

internacional de lácteos. A União Européia e os Estados Unidos, por exemplo, são dois grandes produtores de lácteos, no entanto, destinam quantias significativas de recursos para a proteção dos produtores domésticos, subsidiando produção e impondo restrições às importações. São medidas que limitam a competitividade de países em desenvolvimento, mas grandes produtores, como é o caso do Brasil.

A produção de lácteos no Brasil vem passando por um processo de transformação bastante intenso, desde a abertura comercial, a liberalização dos preços do leite, a estabilidade macroeconômica e a nova estrutura do setor industrial (Brandão, 1999). Estas transformações estão levando o setor para um patamar de produtividade mais elevado, com a utilização de tecnologias modernas e relativamente homogêneas pelos produtores do país. A evolução do comércio internacional e das políticas comerciais nos países da OCDE, podem ter influência quanto maior a velocidade e intensidade destes ajustamentos. Uma redução do nível de proteção poderia proporcionar um ajustamento um pouco mais rápido e mais eficaz, mas a proteção aos produtores segue nas alturas diz a OCDE¹⁶. Também acordos bilaterais, aos moldes da união Mercosul_União Europeia, poderão promover uma nova dinâmica na cadeia produtiva. Argumenta-se que pode haver importações crescentes de leite em pó e queijos que poderiam afetar grupo de médios e pequenos produtores.

Nesta parte analisamos o comércio internacional de produtos lácteos com o objetivo de fornecer elementos para o estabelecimento de estratégias comerciais para a cadeia do leite no Brasil.

2. Produção, exportação e importação

A Tabela 1 mostra a produção de leite de vaca nos principais países produtores nos anos de 2000 e de 2017. Os Estados Unidos é o maior produtor do mundo, com aproximadamente 20% da produção dos vinte maiores países produtores, respondendo por 14,5% da produção mundial. A Índia, que está em segundo lugar, não fica muito distante da produção dos

¹⁶ https://www.valor.com.br/agro/6326117/apoio-direto-agricultores-segue-nas-alturas-diz-ocde?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newsletter_manha

Estados Unidos. Ela detém 16,7% da produção dos vinte maiores e 12,4% da produção mundial. A exemplo da Índia, o Brasil foi um dos que mais cresceu a produção em relação ao mundo.

Tabela 1. Os vinte países maiores produtores de leite

Posição	Variável	2017		2000	
		Produção (ton)	Participação na produção mundial	Produção (ton)	Participação na produção mundial
	Mundo	675,621,019	100.00%	484,895,261	100.00%
	Vinte maiores	500,816,234	74,13%	359,069,600	74.05%
1	EUA	97,734,736	14,47%	76,294,000	15.73%
2	Índia	83,633,570	12,38%	30,900,000	6.37%
3	Brasil	33,490,810	4,96%	22,134,000	4.56%
4	Alemanha	32,666,363	4,84%	28,420,000	5.86%
5	Federação Russa	30,914,658	4,58%	31,560,000	6.51%
6	China	30,772,422	4,55%	7,837,750	1.62%
7	França	24,400,000	3,61%	24,890,000	5.13%
8	Nova Zelândia	21,372,000	3,16%	12,014,000	2.48%
9	Turquia	18,762,319	2,78%	8,800,000	1.81%
10	Paquistão	16,115,000	2,39%	8,039,000	1.66%
11	Reino Unido	15,256,000	2,26%	14,461,000	2.98%
12	Holanda	14,297,361	2,12%	10,800,000	2.23%
13	Polônia	13,694,472	2,03%	11,730,979	2.42%
14	México	11,767,556	1,74%	9,474,480	1.95%
15	Itália	11,380,094	1,68%	11,741,000	2.42%
16	Ucrânia	10,280,500	1,52%	12,400,000	2.56%
17	Argentina	10,097,500	1,49%	9,800,000	2.02%
18	Austrália	8,800,000	1,30%	11,183,000	2.31%
19	Canadá	8,100,000	1,20%	8,090,000	1.67%
20	Japão	7,280,873	1,08%	8,500,391	1.75%

Fonte: FAO (2019).

No ano 2017 o Brasil produziu, segundo a FAO, 33,5 milhões de toneladas de leite, representando 6,7% da produção dos 20 países maiores produtores e 5% da produção mundial, fato que o coloca como o terceiro maior produtor de leite de vaca do mundo. A produção brasileira vem crescendo a uma taxa superior à da produção mundial, o que explica o aumento da participação do

Brasil na produção mundial. A título de exemplo, em 1997 a participação brasileira era de 3,5% e o país era o oitavo produtor.

A Tabela 2 apresenta o volume, valor exportado e respectiva participação no mercado mundial dos vinte maiores exportadores de lácteos.

Tabela 2. Os vinte países maiores exportadores de lácteos (2016)*

		Quantidade** (ton)	Valor US\$ 1000	Participações nas exportações mundiais	
Posição	Variável			Quantidade	Valor
	Mundo	124.119.442	63.497.035	100	100
	Vinte maiores	102.816.771	52.085.657	82,84%	82,03%
1	Nova Zelândia	19.820.633	7.820.001	15,97%	12,32%
2	Alemanha	16.169.534	8.003.605	13,03%	12,60%
3	Holanda	10.748.745	6.690.776	8,66%	10,54%
4	França	10.661.154	6.278.337	8,59%	9,89%
5	Estados Unidos	10.016.518	3.360.392	8,07%	5,29%
6	Bélgica	5.298.358	2.852.267	4,27%	4,49%
7	Polónia	4.148.050	1.622.156	3,34%	2,55%
8	Irlanda	3.669.378	1.868.910	2,96%	2,94%
9	Austrália	3.517.563	1.745.911	2,83%	2,75%
10	Itália	3.158.473	2.971.582	2,54%	4,68%
11	Dinamarca	3.143.457	2.286.568	2,53%	3,60%
12	Reino Unido	2.991.094	1.609.505	2,41%	2,53%
13	Argentina	1.795.416	635.148	1,45%	1,00%
14	Áustria	1.766.615	1.196.282	1,42%	1,88%
15	Espanha	1.741.529	1.103.574	1,40%	1,74%
16	República Checa	1.659.963	672.252	1,34%	1,06%
17	Uruguai	1.421.216	556.840	1,15%	0,88%
18	Suíça	1.033.506	696.545	0,83%	1,10%
19	Finlândia	962.081	383.531	0,78%	0,60%
20	Turquia	860.103	288.315	0,69%	0,45%

* Ordenação com base no volume total exportado e ** Quantidade exportada em equivalente litros de leite in natura

Fonte: FAO (2019).

Nota-se uma grande concentração das exportações nestes vinte países que são responsáveis por 83% das exportações mundiais¹⁷. Somente os 5 maiores exportadores, todos da OCDE, respondem por 50,6% do valor total exportado.

¹⁷ As participações nos valores e nas quantidades não são iguais, refletindo diferenças na composição das exportações. Por exemplo, a Alemanha detém 15% do valor das exportações mundiais e 14% das quantidades. Isto revela que os produtos exportados por este país têm preços mais elevados do que a média. Em contraste, os Estados Unidos detém 3,5% das quantidades e 1,98% do valor das exportações, indicando exportações de produtos com preços inferiores à média

Entre os três pertencentes à União Europeia, apenas a Alemanha está entre os 5 maiores produtores, embora seja o país com maior participação mundial em valores exportados.

Em relação às importações ocorre um menor grau de concentração, conforme mostra a Tabela 3. Os vinte maiores importadores (em valor) adquirem 64,3% do valor total das importações mundiais e os dez maiores 48,56%. Dos seis maiores importadores, responsáveis por 37,13% do valor das importações, cinco são países membros da União Europeia. Adicionando-se Federação da Rússia, Reino Unido, México, Argélia e Espanha (respectivamente do sétimo ao décimo-primeiro maiores importadores mundiais), a participação passa de 50%.

Tabela 3. Os vinte países maiores importadores de lácteos (2016)*

Posição	Variável	Quantidade** (ton)	Valor US\$ 1000	Participações nas importações mundiais	
				Quantidade	Valor
	Mundo	120.966.562	64.880.661	100	100
	Vinte maiores	78.079.165	41.713.136	64,55%	64,29%
1	China	12.172.183	5.660.325	10,06%	8,72%
2	Alemanha	9.933.254	6.035.552	8,21%	9,30%
3	Holanda	8.204.518	2.844.482	6,78%	4,38%
4	Itália	5.908.762	3.365.902	4,88%	5,19%
5	Bélgica	5.278.473	2.952.902	4,36%	4,55%
6	França	5.019.665	3.235.591	4,15%	4,99%
7	Federação da Rússia	4.261.595	1.906.597	3,52%	2,94%
8	Reino Unido	4.029.608	3.054.455	3,33%	4,71%
9	México	3.569.856	1.471.134	2,95%	2,27%
10	Argélia	2.888.482	976.506	2,39%	1,51%
11	Espanha	2.373.849	1.588.806	1,96%	2,45%
12	Filipinas	2.232.865	752.131	1,85%	1,16%
13	Grécia	1.229.762	768.987	1,02%	1,19%
14	Arábia Saudita	1.952.386	1.166.780	1,61%	1,80%
15	Japão	1.857.459	1.202.962	1,54%	1,85%
16	Estados Unidos	1.116.898	1.966.013	0,92%	3,03%
17	Brasil	1.565.557	641.083	1,29%	0,99%
18	Egito	1.561.897	658.419	1,29%	1,01%
19	Polónia	1.496.022	857.079	1,24%	1,32%
20	Irlanda	1.426.074	607.430	1,18%	0,94%

* Ordenação com base no volume total importado e ** Quantidade importada em equivalente litros de leite in natura

Fonte: FAO (2019).

Estes dados ilustram o fato de que muitos dos países que ocupam posição de destaque no mercado internacional como exportadores são também grandes importadores, caracterizando o elevado grau de comércio intra-indústria que ocorre neste setor. Nota-se que a Alemanha, segundo maior importador e exportador mundial de produtos lácteos, é o quarto maior produtor.

3. Políticas comerciais

As distorções nos preços internacionais causadas pelas políticas comerciais permanecem ainda elevadas no setor agrícola. A contribuição importante da Rodada do Uruguai do Acordo Geral sobre Tarifas e Comercio (GATT) foi a exigência de que os países convertessem barreiras não tarifárias (quotas, tarifas variáveis) nos equivalentes tarifários, processo que ficou conhecido como tarificação. Reduções efetivas de tarifa têm ocorrido mas existem casos de aumento de proteção (Ingco, 1996). O Suporte ao Produtor Agrícola (PSE¹⁸), calculado pela OCDE é da ordem de 12.1%, existindo grande dispersão entre os países e entre os produtos (Brandão e outros, 2002¹⁹). Os países da OECD têm uma média de PSE de 19.2% caracterizando 0.6% do PIB (Tabela 4).

Tabela 4. Estimativa de Suporte ao Produtor Agrícola (PSE_2018 previsão).

Regiões/países	PSE (%)	
	PSE TOTAL	% PIB
OECD	19.2	0,6
Economias Emergentes*	8.1	1.3
Brasil	1.5	0.3
China	14.3	1.8
União Europeia - 28	20.0	0.7
Japão	46.7	1.0
Coreia do Sul	55.1	1.8
México	8.1	0.5
Rússia	13.2	0.7
África do Sul	3.8	0.3
Estados Unidos	12.2	0.5
Austrália	2.5	0.2
Nova Zelândia	0.5	0.2
Turquia	14.8	0.6
Índia	6.4	0.6
Média de todos os países	12.1	0.8

*Inclui: Argentina, Brasil, China, Colômbia, Costa Rica, Índia, Cazaquistão, Filipinas, Rússia, África do Sul, Ucrânia e Vietnam.

Fonte: OECD (2019a).

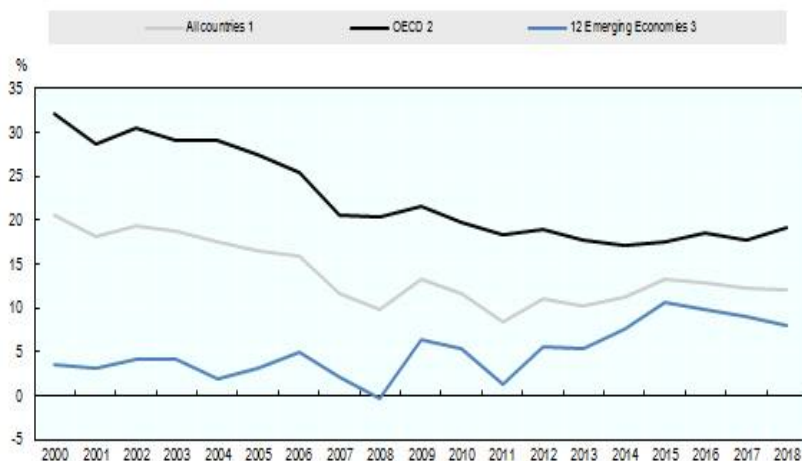
¹⁸ PSE - (PSE) mede a quantidade de subsídios sobre a renda rural total

¹⁹ Esta seção utiliza intensamente o material do trabalho de Brandão et. al (2002).

Para o setor lácteo as reduções tarifárias obtidas na Rodada do Uruguai foram extremamente baixas, o que faz com que os níveis atuais de proteção sejam dos mais elevados dentre os produtos agrícolas. Por exemplo o PSE do Japão é de 46,7%, mas sua tarifa para importação de lácteos é de 95,13% e a Turquia que tem um PSE de 14,8% taxa as importações de lácteos de 136,34%. Essas diferenças deixam claro o quanto o mercado de lácteos é sensível e recebe proteção.

A Figura 1 mostra claramente uma redução do PSE, mas cabe destaque que os países da OCDE (OECD – sigla em inglês), comparados com os países de economia emergentes sempre protegeram e continuam protegendo, de forma muito mais acentuada, seus produtores. A diferença entre os PSEs praticados pelos países da OCDE, no ano 2000 são em média acima de 30%, enquanto nas economias emergentes está abaixo de 5%. Para 2018, o PSE dos países OCDE atingiu 19,2% enquanto das economias emergentes apenas 8,1%, representando 1,3% do PIB. Destaca-se ainda que a tendência de queda ficou evidente até 2015, mas daí em diante aumenta para os países da OCDE enquanto decresce para os emergentes.

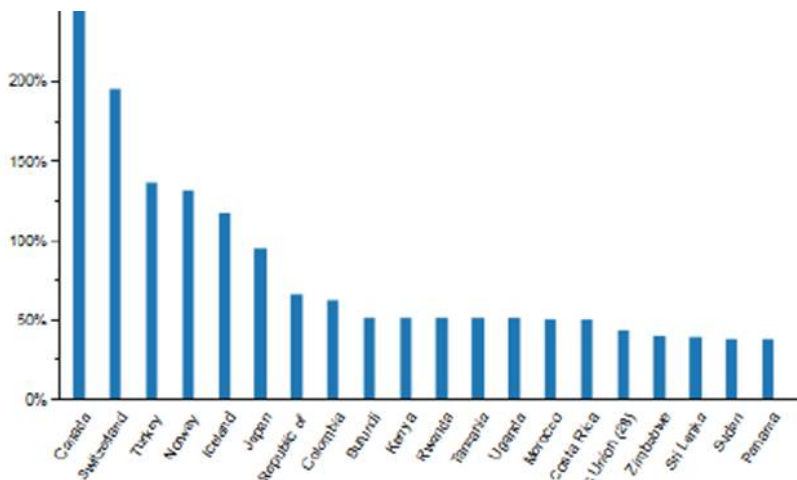
Figura 1 – Evolução da Estimativa de Suporte ao Produtor (SPE – na sigla em inglês).



Fonte: OECD (2019b).

A Figura 2 mostra as tarifas consolidadas na OMC de diversos países do

mundo para o ano de 2018. Importante observar que entre as 20 maiores tarifas médias aplicadas na importação de produtos lácteos, a menor (39.1%) foi aplicada pelo Panamá.



Fonte: WTO (2019).

O Canadá que tem a maior média (248,55%), Tabela 5, tem também a maior tarifa (314%). A União Europeia tem média de 44.8% e tarifa máxima de 258%. Estados Unidos tem média de 19,20% e máxima de 156%, Japão média de 101% e máxima de 633% e a China com média de 12.2% e máxima de 20%.

Tabela 5. Maiores Tarifas médias de importação aplicada aos lácteos (2018).

Rank	País	Tarifa média de importação %
1	Canadá	248,55
2	Suíça	195,57
3	Turquia	136,34
4	Noruega	132,01
5	Islândia	117,15
6	Japão	95,13
7	Coréia do Sul	66,04

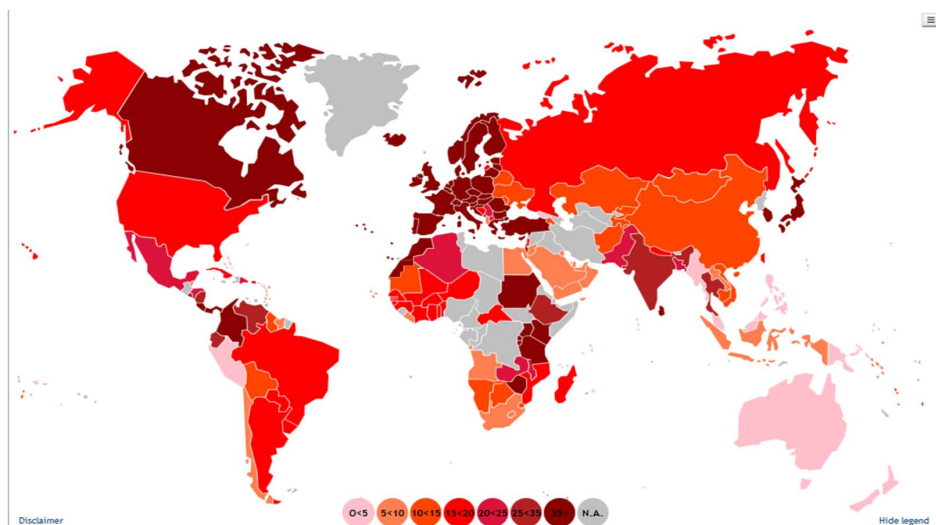
Fonte: WTO (2019).

Lácteos é o setor considerado estratégico para os diferentes países e por isso, além dos grandes incentivos à produção, ocorre grande proteção contra a entrada de terceiros no mercado doméstico. Essa situação fica bem marcada na Figura 3, que mostra em tons diferentes, o intervalo de valor das tarifas para os produtos lácteos. Quanto mais escura a tonalidade, maior a proteção. Ela inicia com níveis que variam entre zero e cinco por cento até mais de 35%. O nível maior de proteção está nos países da União Europeia, onde se dá as maiores transações de produtos lácteos.

As proteções aos agricultores não têm se arrefecido e em certos momentos aumentado. É o que ocorre agora em 2019, quando o governo norte-americano se prepara para distribuir uma nova parcela da ajuda financeira de US\$ 16 bilhões aos produtores prejudicados pela guerra comercial com a China¹². A taxa de ajuda varia de US\$ 15.00 a US\$ 150.00 por acre, com um limite de US\$ 500 mil por produtor. O setor de lácteos também recebe ajudas estatais consideráveis. O PSE geral do país foi de 10,1% no último triênio e representou mais de 20% da renda dos produtores de leite no período. Desde o final de 2014 o governo norte-americano, por meio do USDA, oferece aos produtores de leite a possibilidade de aderirem ao Programa de Proteção de Margens (MPP, na sigla em inglês).

Figura 3 - Intervalo das tarifas aplicadas na importação de lácteos no mundo (2018).

Figura 3 - Intervalo das tarifas aplicadas na importação de lácteos no mundo (2018).



Fonte: WTO (2019).

¹² <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/breves/governo-dos-eua-libera-us-16-bilhoes-de-ajuda-a-produtores-rurais/>

A União Europeia (UE) que firmou neste ano de 2019 acordo comercial com o Mercosul, destinou entre 2001/2018 recursos para cobrir, em média, 20% da renda dos produtores agropecuários do bloco. Para o caso dos produtores de leite esse percentual representou €35.350,00. Ainda que os mecanismos de ajuda que geram distorções de preços tenham sido reduzidos nos últimos anos, a UE adota medidas de proteção comercial para determinadas commodities, tais como licenças de importação e exportação, cotas, salvaguardas especiais, que apoiam os produtores quando os preços internacionais caem, segundo o boletim Agricultural Policy Monitoring and Evaluation (OECD 2019b).

Ainda segundo o boletim da OECD, para o setor lácteo são adotados preços de intervenção para manteiga e leite em pó desnatado, além de proteção relativa à importação de ambos os produtos. As compras estatais de intervenção não podem exceder 50.000 e 109.000 toneladas anuais de manteiga e leite em pó desnatado, respectivamente, um volume que representou 2% e 7% da produção total da UE em 2018. Os subsídios para estoque de produtos em armazéns privados podem ser ativados como estratégias opcionais para manteiga, leite em pó desnatado, alguns tipos de queijos e outros produtos agropecuários.

Mais de 40% da renda dos produtores de leite do Canadá é procedente de ajudas estatais, para compensar o acordo comercial feito com a UE. No período 2016/2018, o PSE do Canadá foi de 9%. Mas, o dado é que os produtores de leite tiveram mais de 40% da renda coberta por ajudas estatais. Boa parte dessa política se explica pelo risco que representa o acordo comercial (CETA) firmado com a UE em 2017. Mesmo que os preços das commodities do Canadá estejam alinhados com os preços internacionais, o bloco é bem mais competitivo em produção de lácteos do que o Canadá.

Na Nova Zelândia e na Austrália os preços locais de produtos agropecuários em geral estão alinhados aos internacionais. Na China, o PSE foi de 14,3%, em 2018 e os subsídios fomentam o auto abastecimento de produtos considerados estratégicos, entre eles o leite.

Há nações desenvolvidas nas quais a atividade agropecuária somente sobrevive por conta da ajuda estatal. É o caso da Noruega (PSE de 61%), Islândia (59%), Suíça (55%), Coreia do Sul (52%), e Japão (47%). No mesmo período, o Brasil contribuiu com 5,7% para a renda dos produtores agropecuários com políticas públicas, em sua maior parte procedentes de créditos oficiais com juros subsidiados e serviços estatais gratuitos de pesquisa e inovação.

Em conclusão pode-se afirmar que a proteção ao setor de laticínios é mais elevada exatamente nas regiões onde se encontram os maiores importadores e exportadores

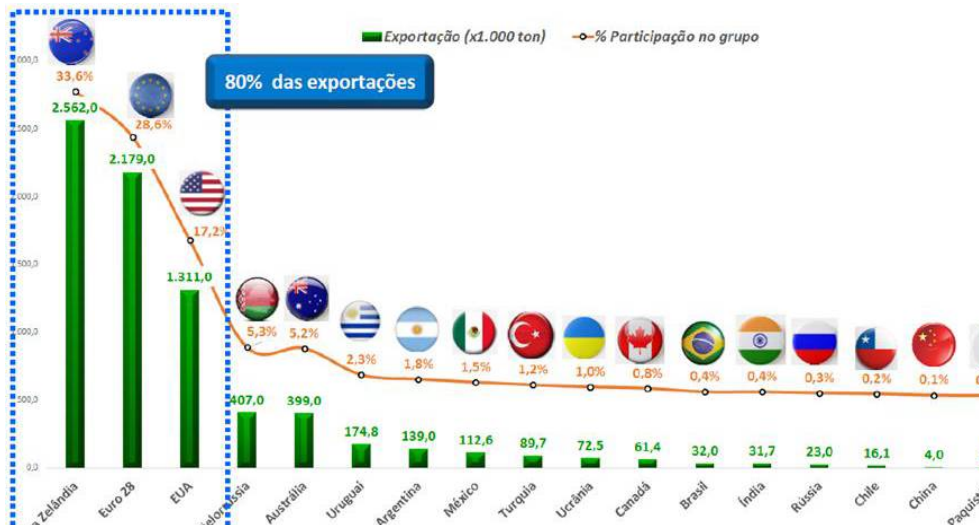
mundiais. A situação para os países em que o setor vem se modernizando, como o Brasil, poderia ser melhor caso estes níveis de proteção viessem a ser diminuídos.

4. Fluxos comerciais

Os fluxos comerciais do agronegócio mundial têm também grande concentração. Somente os três maiores exportadores (Nova Zelândia, União Europeia e Estados Unidos) respondem por 80% de toda a exportação de leite em pó, queijo e manteiga. Incluindo a Bielorrússia e a Austrália, ambos se consolidando como exportadores, chega-se a mais de 90% (Figura 4).

O Brasil tem um desempenho melhor como produtor do que como exportador. Como produtor, o País contribuiu com 3.9% da produção de queijo, leite em pó e manteiga em 2017. Mas como exportador somente 0.4% das exportações daqueles produtos. No ranking mundial é o 12º maior exportador de lácteos. Como a produção brasileira é expressiva e o consumo está estagnado ou reduzindo, dependendo do produto, seria de interesse aumentar a participação brasileira no mercado internacional de lácteos.

Figura 4 - Exportação de leite em pó, queijo e manteiga (2017)

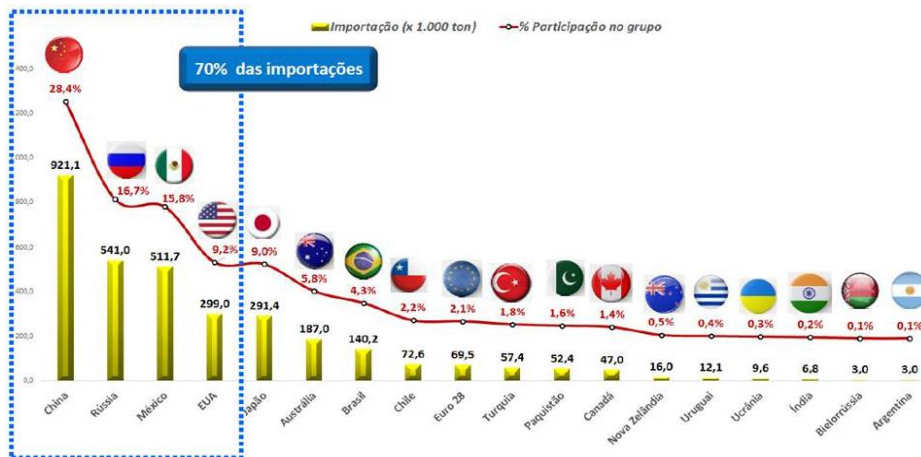


Fonte: OCB (2018)¹².

No que se refere às importações, o mercado é também muito concentrado por conta de alguns importadores másters, no caso da China, da Rússia e do México. Em 2017

¹² OCB (2018) – Mercado Internacional de Lácteos - Produção, Exportação e Importação das principais commodities lácteas. Sistema OCB, Brasília/DF, em pdf.

esses três países mais os Estados Unidos e o Japão responderam por quase 80% das importações de leite em pó, manteiga e queijo (Figura 5).



Fonte: OCB (2018)¹³

Países/regiões		Produto (Ton)		
Importador	Parceiro	Manteiga	Queijo	Leite em pó int.
China	Austrália	1.996	17.920	10.924
	França	4.198	1.931	5.625
	Nova Zelândia	53.627	47.505	392.168
Rússia	Argentina	699	8.889	10.227
	Bielorrússia	74.501	186.827	27.792
	Nova Zelândia	7.275	4.213	5
México	Nova Zelândia	774	5.428	7.044
	Estados Unidos	1.234	78.185	891
	Uruguai	25	8.979	305
Estados Unidos	Austrália	1.051	5.423	505
	Irlanda	10.756	4.610	554

Fonte: FAO (2019).

A Tabela 6 mostra os quatro maiores importadores de manteiga, queijo e leite em pó integral. Destacou-se também os parceiros desses países no ano de 2016. Foram apresentados somente os 2 ou 3 países parceiros dos maiores importadores no ano considerado. Mas cada país importador tem sempre amplo número de fornecedores. A China, maior importadora de lácteos, tem na Oceania sua maior fornecedora. Além

¹³ OCB (2018) – Mercado Internacional de Lácteos - Produção, Exportação e Importação das principais commodities lácteas. Sistema OCB, Brasília/DF, em pdf.

de grande tradição na produção e comercialização de produtos lácteos a Oceania, representada pela Nova Zelândia e a Austrália, possui vantagens comparativas advindas da qualidade dos produtos, preços e logística privilegiada, por conta da proximidade com os países da Ásia.

O Brasil tem se consolidado como importador líquido de lácteos. Forneceram lácteos para o Brasil no período de 2010 a 2016, 37 países, com diferentes produtos, volumes e preços. A importação brasileira tem se consolidado em torno de 3 a 5% da produção nacional em equivalente litros de leite. Em 2019, a média mensal das importações de queijo são da ordem de 2.500 toneladas a um preço médio de US\$4.000,00 por tonelada (Figura 6). As importações de leite em pó e leite condensado em 2019 atingiu a 26.786 toneladas a um preço médio de US\$ 2,740.00 a tonelada (Figura 7). As importações de queijo mostram estabilidade, consolidando o país como importador líquido do produto. No do leite em pó e leite condensado, os volumes interiorizados no mercado brasileiro têm maior variação e isso se deve à volatilidade dos preços daqueles produtos no mercado internacional.

Figura 6 - Importação anual brasileira de queijos volume (ton.) valor médio (US\$/ton)



Fonte: OCB (2019 a)¹⁴

¹⁴ OCB (2019 a) – Importações Queijos, Brasília/DF, em pdf.

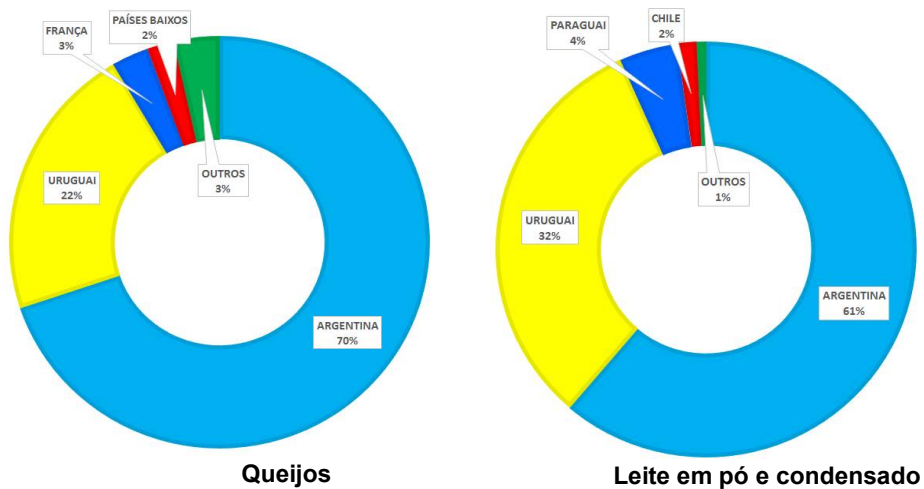
Figura 7 - Importação anual brasileira de leite em pó e condensado volume (ton.) valor médio (US\$/ton).



Fonte: OCB (2019 b)¹².

As importações brasileiras de lácteos são majoritariamente provenientes da Argentina e do Uruguai. No mercado de queijos os dois exportaram 92% de todo o produto internalizado no Brasil e 93% do leite em pó e condensado (Figura 8), mas também vieram produtos de outros países (Tabela 7).

Figura 8 - Origem das importações de queijo (1), leite em pó e condensado (2).



Fonte: OCB (2018 a e b).

¹² OCB (2019 b) – Importações Leite em pó, Brasília/DF, em pdf

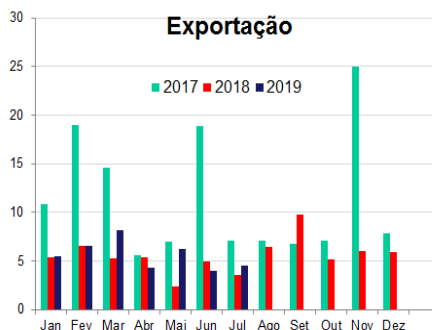
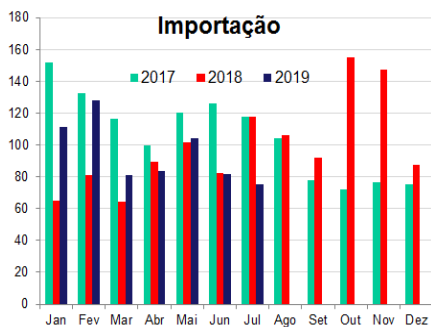
Apesar da presença majoritária da Argentina e do Uruguai como fornecedores de produtos lácteos para o Brasil, em alguns produtos outros países se destacam. Note que a Nova Zelândia, em 2016, exportou mais que o dobro de manteiga que os parceiros do Mercosul. A França e a Holanda têm relevância na importação brasileira de queijos, enquanto Paraguai, Chile e Estados Unidos no mercado de leite em pó desnatado.

Tabela 7 - Importações brasileiras de fornecedores selecionados – 2016 (ton.).

Produto/ano	País/região					
	Argentina	Uruguai	Estados Unidos	França	Holanda	N. Zelândia
Manteiga	1872	1380	0	743	0	4085
Queijo	21177	7220	97	921	1368	810
Leite em pó Desnatado	17292	8444	1065	0	0	140
Leite em pó Integral	38532	25005	6	0	0	0
Soro	12215	1084	41	916	0	22
Total	91088	43133	1209	2580	1368	5057

Fonte: FAO (2019).

As importações brasileiras de 2017 foram maiores no início do ano, arrefecendo-se ao final. No ano de 2018, aconteceu o contrário. Fracas importações no início do ano e forte ao final. Os meses de outubro, novembro e dezembro de 2017 houveram importações contínuas que somadas às fortes importações dos meses anteriores, podem explicar o arrefecimento das importações no ano de 2018 (Figura 9).



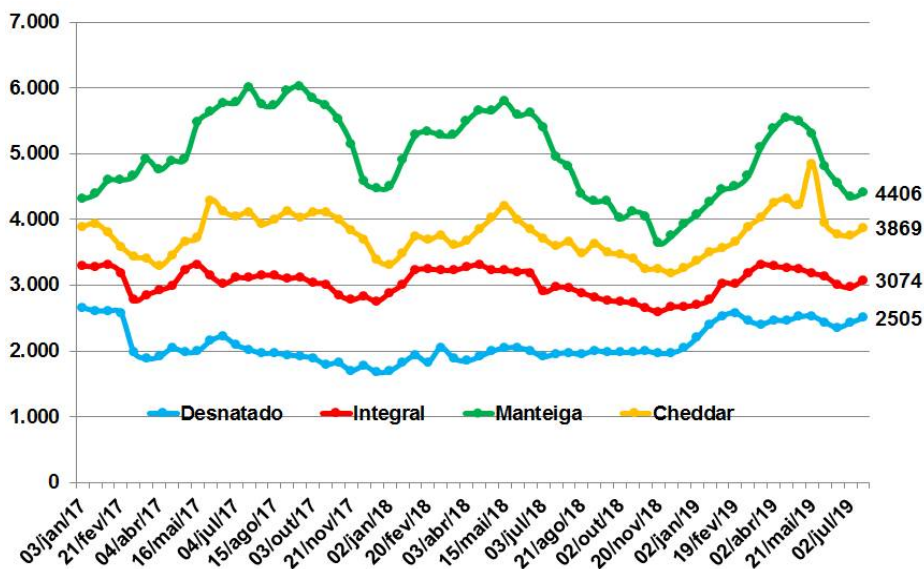
Jan-jun	Importação	Exportação	Saldo
2018	601,79	33,45	-568,34
2019	665,58	39,27	-626,32
var.	10,6%	17%	

Fonte: MDIC (BRASIL, 2019).

5. Preços internacionais de lácteos

Os preços das commodities lácteas variam conforme o período do ano, devido à demanda e as condições de oferta do produto considerado. Normalmente percebe-se que os preços tendem a ser menores no início do ano (janeiro fevereiro) e maiores no meio do ano (maio julho). Os preços mundiais de lácteos, segundo o Índice de Preços de Leite da FAO (FAO, 2019), diminuíram em 2018, devido ao aumento na produção de leite em três importantes exportadores, União Europeia, Nova Zelândia e Estados Unidos. Os preços do leite em pó desnatado começaram a se recuperar no final de 2018, uma vez que a União Europeia reduziu consideravelmente as intervenções. Os preços da manteiga tiveram queda a partir de abril de 2019, mas mostra recuperação no mês de julho, chegando a US\$4,406.00 a tonelada. O aumento substantivo que se viu desde 2017 vem na esteira das mudanças de hábitos alimentares e da visão de que gordura animal é benéfica para a saúde, contrariamente ao que foi divulgado anteriormente e que catapultou a venda de margarina. Os preços do queijo Cheddar tem se mantido estável no período estudado e em torno dos US\$4,000.00 a tonelada. O leite em pó integral também apresenta relativa estabilidade ao redor dos US\$3,000.00 a tonelada, enquanto o desnatado mantém estabilidade ao redor de US\$2,500.00

Figura 10 - Preço de commodities lácteas no mercado internacional GDT (US\$/ton.).



Fonte: GDT (2019).

Cabe ainda o registro a convergência dos preços dos lácteos em julho de 2019, ao redor de US\$ 3,000.00 a tonelada (Figura 10). Ressalta-se ainda que a manteiga tem-se mantido com preços elevados em todo o período considerado. Depois de figurar como “problema para a saúde” ela voltou ao interesse dos consumidores e isto proporcionou uma forte elevação dos preços no período de julho/agosto de 2017 quando chegou a valores acima de US\$ 6,000.00 a tonelada. Os preços da manteiga caíram em comparação com seu nível recorde de 2017, mas um aumento pronunciado apareceu a partir de meados de 2019, já que a demanda por produtos lácteos continua forte na América do Norte e na Europa.

6. Mercados de lácteos relevantes para o Brasil

O Brasil é reconhecido como possuidor de grande potencial para produção, consumo e exportação de produtos lácteos. No que se refere à exportação, a participação brasileira tem sido bastante acanhada, oportunista, sem estratégia definida, figurando como importador líquido. É entendido que o Brasil deve e pode se tornar um grande exportador. Um dos quesitos mais importantes para essa tarefa é conhecer quais são os países e regiões que deveriam ser alvo de maior atenção e ação comercial para as empresas brasileiras que queiram exportar. Essa questão será agora tratada.

Em primeiro lugar, é preciso focar a União Europeia. Isso, porque além de ser o grande *player* no mercado lácteo mundial, firmou recentemente, um tratado de livre comércio com o Mercosul, onde o Brasil figura como o grande mercado consumidor. A UE pode ser uma grande ameaça ou uma grande oportunidade dependendo de como as empresas lácteas nacionais, notadamente as de capital nacional, estabeleçam suas estratégias. Há dúvidas de como as grandes multinacionais do setor lácteo vão agir frente a esse tratado. Isso porque, grandes empresas lácteas operando no Brasil, tais como Lactalis, Danone e Nestlé têm, sobretudo, um interesse talvez maior no mercado da União Europeia: as duas primeiras têm sua sede na França, membro ativo e muito relevante nas decisões da UE. Outra questão é que o comércio de lácteos é do tipo *business-to-business* (b2b), o que fortalece, ainda mais, o argumento de que as estratégias das empresas multinacionais, operando no Brasil, poderão ser reforçadas numa visão conjunta de negócio com as matrizes europeias. De toda sorte, se, empresas lácteas de capital brasileiro, tiverem interesse naquele grande mercado terão que desenvolver estratégias de entrada, onde qualidade, preço e nichos, serão altamente relevantes.

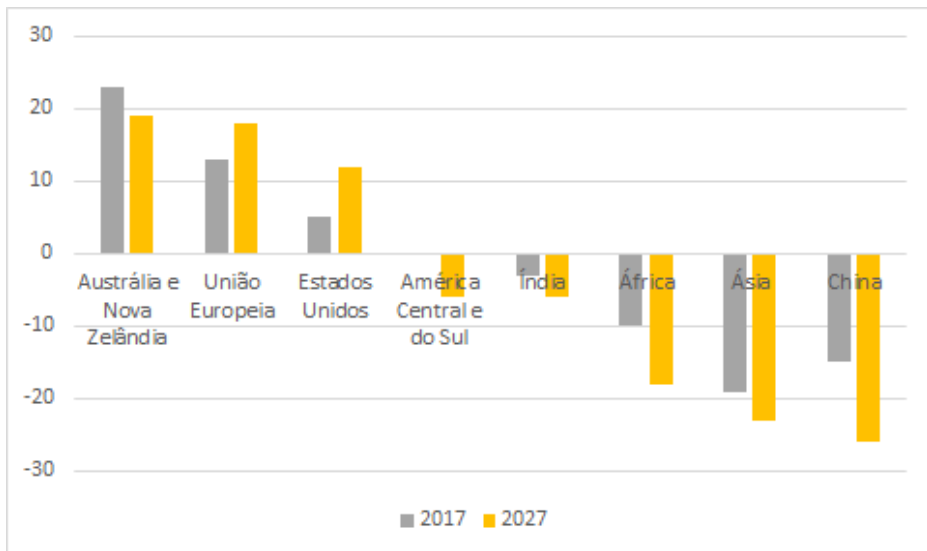
Outra questão de relevância é o foco nos mercados mais promissores, que precisam ser identificados e analisados. Além da França, grande *player* no mercado lácteo, parece interessante pensar nos países latinos da UE e com raízes culturais fortes no Brasil, tais como Portugal, Espanha e Itália. Essa última é grande importadora

líquida de lácteos e sua gente está fortemente arraigada, como os de Portugal, nas raízes do Brasil. O Brasil não tem tradição de comércio de lácteos com esses países, não havendo registro no período de 2010 a 2016 de vendas, a exceção de pequena partida de leite condensado para Portugal em 2012. Nos anos de 2017 a 2019, o Brasil realizou vendas, a saber: (i) **Espanha** (leite UHT; manteiga; queijos frescos, sorvetes, mozzarella; iogurte, queijo massa dura). Os valores e as quantidades são muito baixas; (ii) **França** (sorvetes; leite em pó integral; queijos; leite UHT; iogurte; queijos massa semi-dura; queijo de pasta mofoada; creme de leite UHT), valores e volumes pouco significativos; (iii) **Itália** (leite em pó; UHT; queijo mozzarella; sorvetes; queijos massa semi-dura; requeijão; queijo massa dura, iogurte; manteiga, queijo de pasta mofoada; creme de leite em pó; (iv) **Portugal** (manteiga; creme de leite em pó, queijo massa dura, leite em pó integral; requeijão, queijo pasta mofoada, creme de leite UHT, sorvetes, queijos ralado ou em pó, queijo massa semi-dura). Mesmo que os volumes e os valores sejam bastante modestos esses países devem ser motivo de atenção por parte das empresas que querem exportar para a EU, notadamente produtos de maior valor agregado.

Produtos com elevado valor agregado pode ter especial interesse para mercados maduros, como é o caso do mercado da EU, Estados Unidos e também o Japão, todos grandes importadores e os dois primeiros também grandes exportadores. Um exemplo que parece interessante é o do sorvete brasileiro com sabores exóticos que pode encontrar nichos promissores nestes países. Assim, é possível sugerir alavancar atividades de marketing e organização de cadeias de distribuição desses produtos. Os Estados Unidos têm comprado em maiores volumes cremes de leite concentrados (04029900) e não concentrado (04015029) e queijos frescos (04061090) e o Japão creme de leite (04015029 e 04029900). Os valores não são expressivos, mas a existência de transação comercial implica em experiência que pode ajudar na entrada nesses mercados de grandes volumes e alta exigência em termos de qualidade e diferenciação.

A China é o maior importador mundial de lácteos e tem um gigantesco mercado. Além de muito grande o mercado chinês está em rápida expansão devido ao aumento sistemático da renda da população e pela mudança de hábitos alimentares que tem tendência ocidentais onde os produtos lácteos são abundantes. Ela já é a maior importadora de lácteos com 10% de todo o comércio mundial de lácteos em 2017 comprando 5.6 bilhões de dólares. A disputa comercial entre os Estados Unidos e a China tem aberto oportunidades para o agronegócio brasileiro e, recentemente, a China acenou com a importação de lácteos do Brasil. Nos anos de 2017 a 2019, segundo os registros da FAO (2019) foram importados uma diversificada pauta (sorvetes; leite UHT; Leite em pó integral; iogurte, manteiga, queijo ralado ou em pó, queijo de massa

Figura 12 - Déficit e superávit de produtos lácteos (milhões de tons equivalente leite).



Fonte: Homepage McKinsey (Adams, 2019), adaptado pelos autores.

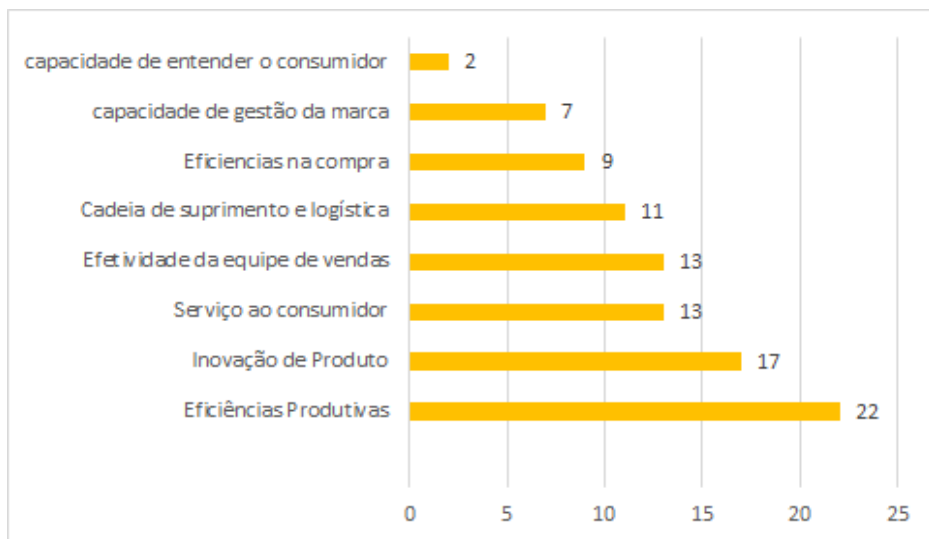
Destaca-se que a previsão aponta superávit na Oceania, União Europeia e Estados Unidos, tradicionais produtores e exportadores de lácteos e grandes players no mercado internacional. Mostra ainda que haverá déficit na América Central, América do Sul, África e Ásia, neste caso, principalmente na China. O déficit somado da América e África, onde acreditamos que deveria haver um foco especial do Brasil, previsto para o ano de 2027 é de 24 bilhões de litros de leite. Se o Brasil obter apenas 10% desse mercado terá que prover esses países com quase 2,5 bilhões de litros de leite. Uma fatia de mercado que poderia tornar o Brasil um player importante no mercado mundial destes produtos.

Para que o Brasil possa competir, além de focar no aumento da qualidade dos produtos, precisa trabalhar a questão da eficiência dos sistemas de produção de forma a obter preços competitivos da matéria prima (preço médio mundial histórico US\$0.38/kg). O preço pago aos produtores de economia leiteira eficiente e sem subsídios está em torno de US\$ 0.30/kg, enquanto os preços pagos aos produtores brasileiros alinhados com o preço médio histórico.

Mas não adianta ter preço e matéria prima de qualidade se não formos capazes de transforma-los em produtos lácteos com as características desejadas pelo mercado internacional. Segundo Mckinsey (Adams, 2019), a indústria laticinistas precisa

trabalhar as questões de inovação de produtos e também o aumento da eficiência do processo produtivo (Figura 13).

Figura 13 - Principais fontes de vantagem competitiva para empresas de laticínios.



Fonte: Homepage McKinsey (Adams, 2019). Adaptado pelos autores.

Pela pesquisa realizada pela *International Dairy Food Association* (IDFA_2018), 52% dos entrevistados apontam que as fontes das vantagens competitivas estão relacionadas com a eficiência industrial (22%), inovação em produtos (17%) e serviços ao cliente (13%) são os principais fatores (Figura 14). Dessa forma quase 40% é referente a eficiência e à inovação. Focar nessas vantagens e nos mercados da América do Sul, América Central e África do Atlântico Sul, manter uma carteira de produtos competitivos e estabelecer relações comerciais de longo prazo, parece ser a fórmula que pode colocar o Brasil entre os importantes players do mercado lácteo mundial.

Para além do “dever de casa” que o agronegócio do leite precisa fazer, conforme sugerido no parágrafo anterior, será preciso que o setor melhore sua escala produtiva e coordenação geral. A produção nacional ainda é muito pulverizada e a baixa escala aumenta os custos fixos reduzindo a competitividade. Uma melhor coordenação da cadeia é necessária para que haja mais harmonia entre os players do setor e fortaleça antigas demandas pela redução do chamado custo Brasil, tanto no que se refere a impostos, taxações, custo da energia, como nas deficiências da logística nacional.

7. Conclusões

As principais conclusões desta análise são:

- (i) A produção mundial de leite tem 82% leite de vaca e cresceu 1.6% em 2018 atingindo 843 milhões de toneladas. A previsão é de crescimento de 1,9% em 2019. Os maiores produtores são os Estados Unidos, Índia e Brasil;
- (ii) O comércio internacional é do tipo indústria-indústria e está fortemente dominado pelos países da UE. Os cinco maiores exportadores são a Nova Zelândia, Alemanha, Holanda, França e os Estados Unidos;
- (iii) Os cinco maiores importadores são China, Alemanha, Holanda, Itália e Bélgica. Fora da esfera da UE destacam-se a China como o maior importador;
- (iv) O setor de lácteos possui grandes distorções causadas pelas políticas protecionistas. Destacam-se as políticas da UE que viabilizam um domínio do comércio de lácteos para os países membros;
- (v) As políticas da UE, Canadá, Japão e dos EUA mostram que países pouco eficientes podem mascarar esta condição tornando-se competitivos pelas práticas de políticas protecionistas;
- (vi) O Brasil tem grande potencial para se tornar grande exportador líquido de lácteos. Ele deve focar no aumento da produtividade total dos fatores de produção e na redução dos custos, maior qualidade da matéria prima e dos produtos lácteos, maior eficiência industrial, inovação de produtos e processos.
- (vii) O acordo com o Mercosul pode ser uma grande oportunidade de acesso a mercados maduros e exigentes em termos de qualidade. Ele deve ser pesquisado com atenção, notadamente para os países latinos com fortes laços com o Brasil, como é o caso de Portugal, Itália, Espanha;
- (viii) Locais onde o Brasil pode ter forte influência geopolítica e comercial é a América Latina e América Central, além da África banhada pelo Atlântico Sul e África lusófona. A influência e laços da cultura brasileira nesses países é bastante relevante, além das facilidades da logística.

8. REFERÊNCIAS.

ADAMS, C.; MALUF, I. T.; RAMIREZ, M.; PAULA, R. U. de. A winning growth formula for dairy. McKinsey & Company, 2019. Disponível em:

<<https://www.mckinsey.com/industries/consumer-packaged-goods/our-insights/a-winning-growth-formula-for-dairy>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

BRANDÃO, A. S. P. Aspectos econômicos e institucionais da produção de leite no Brasil. In: VILELA, D.; BRESSAN, M.; CUNHA, A. S. (Ed.). Restrições técnicas, econômicas e institucionais ao desenvolvimento da cadeia produtiva do leite no Brasil. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 1999. p. 37-70

BRANDÃO, A. S. P.; LEITE, J. L. B. O desempenho e as perspectivas para o agronegócio do leite brasileiro no mercado internacional. In: VILELA, D.; BRESSAN, M.; GOMES, A. T.; LEITE, J. L. B.; MARTINS, M. C.; NOGUEIRA NETTO, V. (Ed.). O agronegócio do leite e políticas públicas para o seu desenvolvimento sustentável. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2002. p. 105-119.

BRASIL. Ministério da Economia Indústria, Comércio Exterior e Serviços - MDIC. Homepage do MDIC. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

FAO. FAOSTAT - Livestock Primary. Rome, Italy, 2019. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data/QL>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

GDT Events Results. Global Dairy Trade, 2019. Disponível em: <<https://www.globaldairytrade.info/en/product-results/>>. Acesso em 19 ago. 2019.

OECD-FAO Agricultural Outlook 2019-2028. Paris: OECD Publishing; Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2019. p. 186. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/ca4076en/ca4076en.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2020.

OECD. Statistical Annex of Agricultural Policy Monitoring and Evaluation 2018. Paris: OECD Publishing, 2019a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/agr_pol-2018-en>. Acesso em: 03 fev. 2020

OECD. Evolution of the Producer Support Estimate - 2000 to 2018: percentage of gross farm receipts. Paris: OECD Publishing, 2019b. Disponível em: <<https://doi.org/10.1787/4275e09e-en>>. Acesso em: 03 fev. 2020.

SORIO, A. Cadeia agroindustrial do leite no Brasil: diagnóstico dos fatores limitantes à competitividade. Brasília, DF: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços – MDIC, 2018. 166 p. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brasilia/pdf/brz_sc_cadeia_produtiva_leite_MICS_por_2018.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.

WTO. International Trade and Market Access Data. Geneva, 2019. Disponível em: <https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/statis_bis_e.htm?solution=WTO&path=/Dashboards/MAPS&file=Tariff.wcdf&bookmarkState={%22impl%22:%22client%22,%22params%22:{%22langParam%22:%22en%22}}>. Acesso em: 19 ago 2019.

Exemplares desta edição
podem ser adquiridos na:

Embrapa Gado de Leite

Rua Eugênio do Nascimento, 610, Bairro
Dom Bosco
36.038-330, Juiz de Fora, MG
Fone: (32) 3311-7405
www.embrapa.br
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

1ª edição

1ª impressão (2020): online

Embrapa



Comitê Local de Publicações
da Unidade Responsável

Presidente

Pedro Braga Arcuri

Secretário-Executivo

Inês Maria Rodrigues

Membros

Jackson Silva e Oliveira, Fernando César Ferraz Lopes, Francisco José da Silva Ledo, Fábio Homero Diniz, Deise Ferreira Xavier, Julietta de Jesus da Silveira N. Lanes, José Luiz Bellini Leite, Cláudio Antônio Versiani Paiva, Edna Froeder Arcuri, Letícia Sayuri Suzuki, Frank Ângelo Tomita Bruneli, Virgínia de Souza Columbiano Barbosa, Fausto de Souza Sobrinho e Vilmar Gonçalves

Supervisão editorial

Jose Luiz Bellini Leite

Normalização bibliográfica

Inês Maria Rodrigues

Editoração eletrônica

Warley Stefany Nunes